

Impresso  
na  
Câmara Legislativa  
do Distrito Federal

**DF**  
**LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VIII

Nº 97/102

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



A obra inesquecível de

**Raquel**  
de Queiroz



# TEATRO OFICINA

**DAISE LISBOA**

Um local obscuro, uma espécie de fundo de quintal, ganhou vida com a arte. A Oficina do Perdiz, montada para serviços como soldas, tornos, acoplamento de motores com bombas e recuperação de motores, criou um novo hábito entre seus frequentadores.

## Um palco todo iluminado

De dia cuidava-se de motores, à noite atores e atrizes transformavam o local num dos palcos mais disputados da cidade. Luxo? Nenhum. A magia da simplicidade de tornos, prensas e outras ferramentas servia de cenário para a história de cada dia. O palco, iluminado



# PERDIZ

*Gê Martu  
em Tertúlia  
à luz de velas*



por velas, com apoio de holofotes, dispensava qualquer outro adorno.

Passaram-se 34 anos de uma história que começou de repente, quando o mecânico José Perdiz, hoje com 71 anos, comprou dois terrenos para montar uma ofici-

na. Cinco anos depois a arte batia à porta desse mecânico, para nunca mais sair.

Para manter a tradição, a Oficina do Perdiz continua com espetáculos sempre no início da semana. A idéia partiu do ator Mangueira Diniz que, para atender os atores ocupados com seus espetáculos nos fins de semana, prorrogou o fim de semana e acrescentou um dia alternativo. "Eles também têm de ter tempo

para assistir aos espetáculos de outros atores", justifica Mangueira. A segunda-feira passou a ser explorada e ganhou mais importância ao ser introduzida no calendário de teatro da cidade, como o grande dia para ir ao teatro. "Passou a ser um dia muito proveitoso para a sociedade brasiliense", atestou Mangueira.

Às segundas-feiras tem Tertúlia à luz de velas, com poesias. Às terças-feiras é a vez da bossa-nova e às quartas-feiras tem leitura de Fernando Pessoa. Para participar desse mundo o público tem até as 21h para che-



**O capoteiro Jairo, José Perdiz e Mangueira Diniz na platéia**



**Marisa Castro, Elizete Teixeira, Isabella Lyrio e Gê Martu**

gar ao local. O ingresso custa R\$ 5,00.

A idade é apenas um detalhe na vida do bem disposto José Perdiz. Os cabelos brancos não negam os anos que se passaram. Descendente de italianos, José Perdiz gosta de conversar e lembrar com os frequentadores a história da Oficina do Perdiz. Cada um conta uma parte que, ao final, se encaixam perfeitamente.

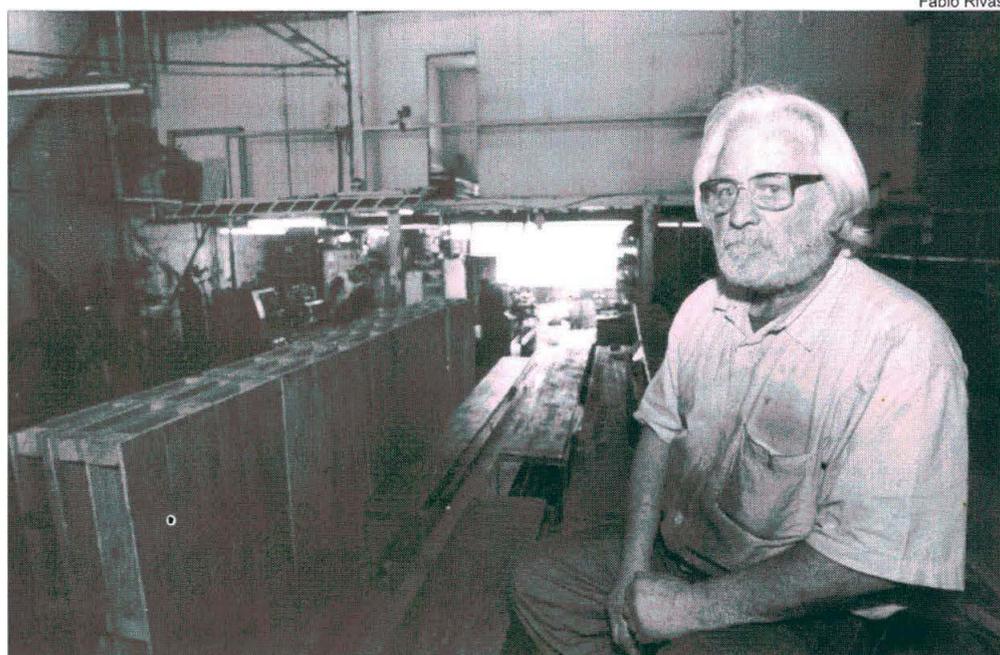
**Começo** – Tudo começou em 1975, com seu sobrinho Ivan Marques Ribeiro, que estudava artes cênicas no Teatro Dulcina. O rapaz costumava utilizar o espaço para ensaiar peças com amigos da faculdade. Em 1988, Mangueira Diniz pediu o espaço para apresentar a peça *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, que ficou três meses em cartaz. A primeira apresentação reuniu

40 pessoas, numa arquibancada construída às pressas pelo mecânico. “A peça estava marcada para começar às 20h, mas só terminei a arquibancada às 20h20, quando a imprensa já havia chegado e aguardava o início do espetáculo”, relembra Perdiz.

O sucesso foi tanto que a moda pegou. Tanto que foi necessário aumentar a arquibancada para atender a demanda.

“Hoje a arquibancada pode receber até 160 pessoas”. Depois vieram outros espetáculos, como *Bella ciao*, em 1991, com 110 apresentações. “Foi um sucesso e até hoje a peça é comentada”, conta Perdiz com satisfação.

E dá detalhes. O texto, de um paulista, tendo Ge Martu no elenco, conta a história de imigrantes italianos que vieram para trabalhar na agricultura brasileira e



Fábio Rivas

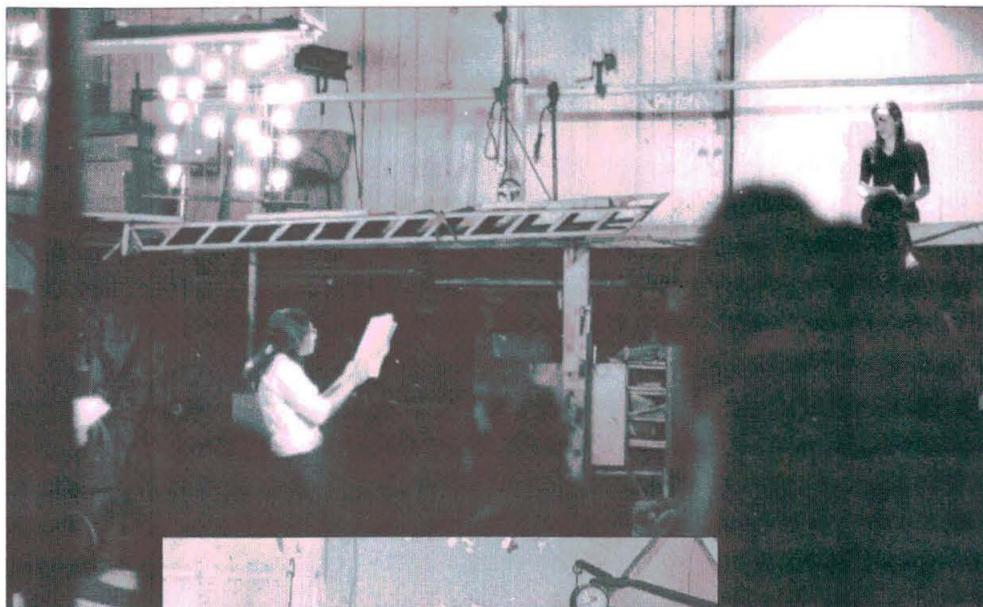
**José Perdiz: luta silenciosa para manter o espaço artístico**

depois partiram para a indústria. Um deles era um artista que depois se transformou em comunista. "A história se desenrolou nesse sentido", resume Perdiz. Com entusiasmo Perdiz conta que a descontração era tanta que a atriz principal ia para a cozinha da oficina e fazia macarronada, um prato apreciado por todos. Outros

espetáculos dirigidos por Mangueira Diniz também fizeram sucesso: *Esperando Godot*, *Pedido de casamento* e *Cala boca já morreu* (continuação de *Bella ciao*). "*Bella ciao* era a história da imigração italiana no Brasil, e *Cala boca já morreu* era a história da imigração do interior do Brasil para São Paulo", conta Perdiz, com reforço de Mangueira Diniz. Depois dirigiu *O velho e a flor* (uma parte da vida de José Perdiz) e depois *José, e agora?*, que conta outra parte da história de José Perdiz.

Mangueira Diniz aponta a Oficina do Perdiz como um espaço inusitado e que serviu de referência teatral porque foi utilizada com identidade própria. "Os mecânicos participavam em cena e as máquinas faziam parte do cenário, sonoplastia e iluminação". Diniz contou que em algumas ocasiões a luz era apagada e o esmeril fazia tanto a iluminação como a sonoplastia.

Em parte, o que mantém a oficina é a vontade dos artistas. "Os artistas querem manter a história da oficina; não apenas para ato-



Vitor Figueiredo



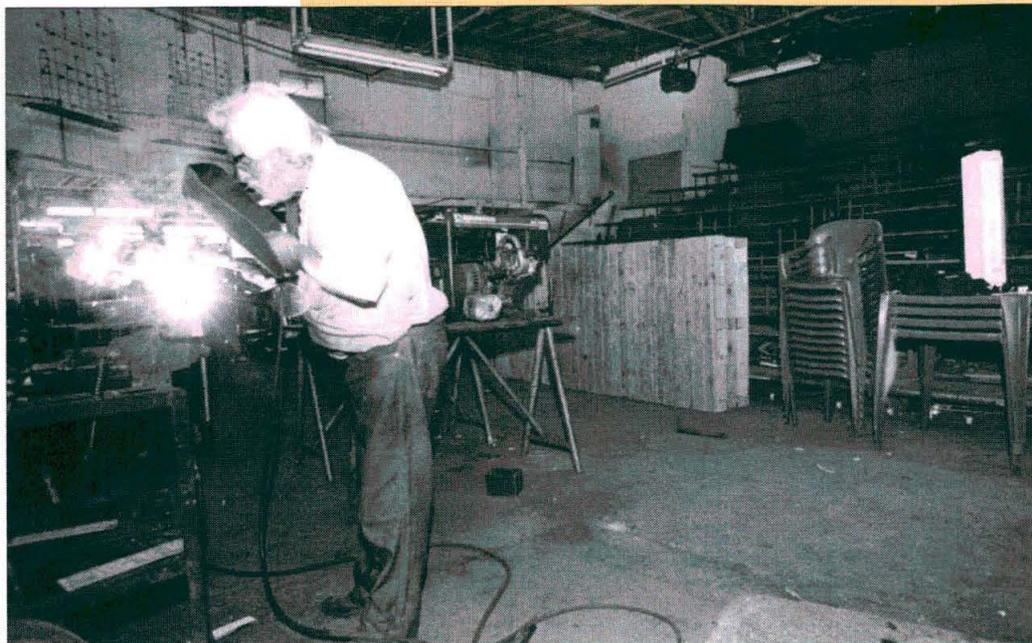
**Marisa Castro,  
Elizete Teixeira  
e Isabella Lyrio  
em Nada é  
impossível,  
dirigidas por  
Marcos Pacheco**

res da cidade, mas também para atores de fora que aqui vêm admirar o espaço", afirma Mangueira Diniz.

A atriz Ruth Guimarães e o marido Sérgio Vianna formam um par perfeito no palco e na vida real. Constantemente se apresentam na oficina. Na segunda-feira, 28 de julho, o casal apresentou *Poesia & Canção*, uma viagem que reverencia a alma e o coração, conforme eles mesmos

definem, entremeando os versos com canções de autores comprometidos com seu tempo, como Chico Buarque, Djavan, Edu Lobo, Tom e Vinícius.

Ruth Guimarães é a mesma que, em 1987, apresentou um espetáculo chamado *Mãe porra louca*. "Ela lutava feito uma doida para tirar o filho da droga. Quando conseguiu, estava mais dentro da droga do que ele", explicou Perdiz.



História triste – José Perdiz comprou dois lotes de um gaúcho, mandou fazer a sondagem de resistência do solo e o cálculo estrutural do projeto. A passagem de pedestres, ao lado do terreno, foi limpa por seus funcionários e a oficina foi estendida até ali, para ficar por três anos. Quando foi registrar o terreno, descobriu que os terrenos que lhe foram vendidos não eram dele. “Quando o PT estava no governo de Brasília, meu alvará de funcionamento venceu e eles não me deram outro”, constata Perdiz, dizendo que depois disso ficou experiente com relação a documentos. “Perdi tudo: o terreno, o projeto e o dinheiro. Começou aí meu sofrimento, porque estava ocupando uma área que na verdade é uma passagem de pedestre”, reconhece Perdiz, lembrando que seu sofrimento começa quando a fiscalização baixa no local. E quando isso acontece, não faltam defensores. “Nessas horas todo mundo entra em cena e os fiscais vão embora”.

## Arte nas mãos

*José Perdiz pode não estar no palco, mas sua arte entra em cena por meio de reciclagem de material da oficina, como os candelabros utilizados na Tertúlia à luz de velas. As mãos calejadas denunciam o trabalho árduo a que Perdiz se submeteu todos esses anos. As arquibancadas foram construídas por ele e recentemente reformadas. Antes abrigavam 40 pessoas, hoje podem receber 140 pessoas.*

*A reforma animou Ge Martu, que está no local desde o começo e apresentou em 1º e 8 de setembro, duas segundas-feiras, O sonho, poesias. “Interpretei José Perdiz e mesmo não tendo nada em comum com ele, até seus filhos acharam muita semelhança entre a minha forma e a dele de representar alguns de seus tipos”, comentou Martu, completando que o trabalho foi tão bom que recebeu o prêmio Oficina do Autor Funarte, em 2001.*

*Ter Perdiz como inspiração não foi só no palco. Ge Martu fez um vídeo e o Luiz Gonzaga, que trabalha na TV Câmara, fez um curta-metragem. Mas foi a peça, Um pedido de casamento, em 1997, que rompeu fronteiras. Foi a Maceió (Alagoas) representar Brasília num Festival Nacional de Teatro e conquistou nove troféus. “A peça conquistou o primeiro lugar”, comemorou. Momentos de felicidade como esse é que fazem parte do dia-a-dia de José Perdiz, que diz ter um sonho: “Quero ver este espaço legalizado, pois hoje não é mais meu, mas um bem da população que aprecia a arte pela arte”. Como o espaço é democrático, está sempre aberto para artistas que desejem ocupar o palco. Para isso, basta ter ensaiado os textos e ter reservado a data com alguma antecedência. O resto fica por conta da magia entre artista e público.*